

A dimensão ecumênica e inter-religiosa da Pastoral Escolar na escola católica: fundamentos teológicos e horizontes para a ação

The ecumenical and interreligious dimension of Pastoral Care in the Catholic school: foundations theological and horizon for action

Elias Wolff¹
Raquel de Fátima Colet²

Resumo

O pluralismo atual interpela a educação como possibilidade privilegiada para atitudes de diálogo e cooperação entre culturas e credos. De identidade cultural e eclesial, a escola católica (EC) desempenha sua função social a partir dos princípios cristãos que a orientam, assumidos em relação ao carisma religioso específico. Como espaço de evangelização que tem na comunidade educativa uma interlocutora imediata, e frente à conjuntura plural que a constitui, a dimensão ecumênica e inter-religiosa adquire especial relevância, cabendo à Pastoral Escolar (PE) a tarefa de sua articulação sistemática. Analisa-se aqui a identidade e missão da PE nestas perspectivas, a partir de pesquisa bibliográfica nas orientações da Igreja em ponte com teologia ecumênica e das religiões. Resulta a constatação de que a dimensão ecumênica e inter-religiosa é constitutiva da EC, pois sua missão se associa à missão da Igreja, por natureza, dialógica. O dado antropológico, ético e espiritual fundamenta uma autêntica pedagogia da comunhão e de serviço evangélico a serem assumidos pela PE. Conclui-se que, fiel à sua eclesialidade, a EC encontra no diálogo ecumênico e inter-religioso um meio de integrar a pluralidade e promover uma cultura do diálogo, de modo que se estabelece entre eles uma relação de exigência mútua.

Palavras-chave

Educação. Pastoral escolar. Ecumenismo. Diálogo inter-religioso.

Abstract

Today's pluralism challenges education as a privileged opportunity for dialogue and cooperation between cultures and creeds. Of cultural and ecclesial identity, the Catholic School (CE) performs its social function from the Christian principles that guide it, assumed in relation to the specific religious charism. As an area of evangelization that has an immediate interlocutor in the educational community, the ecumenical and interreligious dimension acquires special relevance, and it is the responsibility of the Pastoral Care (PC) to systematically articulate it. We analyze the identity and mission of the PC in these perspectives, from a bibliographical research in the orientations of the Church in bridge with ecumenical theology and of the religions. It is clear that the ecumenical and interreligious dimension is constitutive of the CE, because its mission is associated with the mission of the Church, by its nature, dialogical. The anthropological, ethical and spiritual data base an authentic pedagogy of communion and evangelical service to be assumed by the PC. It is concluded that, in keeping with its ecclesial nature, the EC finds in

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Santa Cruz (PUSC). Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Líder do grupo de pesquisa *Teologia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso*, cadastrado no CNPq. Coordenador do Núcleo Ecumênico e Inter-religioso (NEIr) da PUCPR e da Comissão Teológica do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Contato: elias.wolff@pucpr.br.

² Doutoranda, mestre e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Assessora provincial da Pastoral Escolar Vicentina da Província de Curitiba. Contato: raquel_colet@hotmail.com.

A dimensão ecumênica e inter-religiosa da Pastoral Escolar na escola católica

ecumenical and interreligious dialogue a means of integrating plurality and promoting a culture of dialogue, so that a relationship of mutual need is established between them.

Keywords

Education. Pastoral Care. Ecumenism. Interreligious Dialogue.

INTRODUÇÃO

Frente as muitas formas do ser humano ser e estar no mundo, o reconhecimento e a interação com a diversidade se apresentam como inevitáveis, desafiadores e, ao mesmo tempo, uma possibilidade em construção. Ao mesmo tempo em que as vivências religiosas se constituem como um ponto de encontro entre os diferentes sujeitos e sistemas culturais, incorrem no risco de serem assumidas como justificativas para divisões e enfrentamentos. Desafio e possibilidade: ambos são verificáveis na conjuntura atual, onde, em nome da fé, discursos paradoxalmente antagônicos são proferidos.

A escola é, por excelência, um espaço de encontro e socialização cultural e, conseqüentemente, de contato com diferentes experiências religiosas. Da mesma forma, a educação se apresenta como uma das estratégias principais no processo de transmissão, propagação e proteção dos sistemas religiosos (SOARES, 2012, p. 231). Face a esses elementos, verifica-se que a ação educativa é um instrumento privilegiado e eficaz na promoção da acolhida respeitosa, no diálogo sincero e na cooperação da diversidade das culturas e credos. Assim, os projetos educativos, também aqueles assumidos em perspectiva confessional, são salutarmente desafiados a considerar a pluralidade religiosa como elemento constitutivo e potencializador de sua missão. Particularmente em relação à EC, esta tarefa não se resume a uma simples opção feita no plano pedagógico, mas vincula-se à sua natureza eclesial, desembocando no projeto de evangelização assumido pela mesma.

Elencado esses pressupostos, este trabalho busca explicitar a base teológica e os horizontes pastorais em relação à dimensão ecumênica e inter-religiosa da evangelização na EC a partir da articulação da Pastoral Escolar, enquanto espaço institucional ao qual é atribuída esta competência. Como caminho metodológico, buscou-se em um primeiro momento contextualizar o projeto educativo católico a partir dos pronunciamentos da Igreja sobre a questão, caracterizando, na sequência, a ação evangelizadora no ambiente educativo através da identidade e missão da Pastoral Escolar, a partir de uma leitura ecumênica e inter-religiosa. Embora os destinatários imediatos do processo ensino-aprendizagem proposto pela EC sejam os(as) educandos(as), a reflexão procura dialogar com a comunidade educativa como um todo (professores(as), colaboradores(as), famílias), no entendimento que todos são interlocutores/as diretos da ação evangelizadora na escola.

1 A EDUCAÇÃO CATÓLICA EM FACE AO PLURALISMO CULTURAL E RELIGIOSO

1.1 Pressupostos do projeto educativo confessional católico

O reconhecimento da pluralidade na qual está inserido o projeto educativo católico e com o qual é convidado a dialogar tem encontrado ressonância crescente nos pronunciamentos do magistério para a educação católica.³ O pluralismo cultural, que tem o intercâmbio religioso como elemento inevitável, é fato verificável e representa, simultaneamente, um dom e um desafio a ser assumido. Desafiada a “fazer possível a convivência entre as distintas expressões culturais e promover um diálogo que favoreça uma sociedade pacífica”, cabe à EC assumir a responsabilidade de desenvolver uma proposta educativa que considere a dimensão do diálogo intercultural (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2013).

Dada sua natureza religiosa expressa pela confessionalidade, esta tarefa se amplia para a aproximação e integração dialógica com as demais espiritualidades e tradições religiosas. Antes de ser uma exigência que brota da conjuntura vigente, essa premissa corresponde a um princípio identitário da fé e da experiência cristã. Isso permite perceber que o diálogo entre culturas e credos não se fundamenta, nem objetiva simplesmente uma especulação científica e fenomenológica da diversidade religiosa em nome de uma convivência diplomática e respeitosa destas no espaço escolar ou no seu entorno, mas se situa em relação à natureza eclesial da EC. Desta forma, se pode afirmar que é sobre a autocompreensão da Igreja em relação à sua identidade e missão que o projeto educativo se estrutura e articula.

O Concílio Vaticano II representou uma reconfiguração na autocompreensão eclesial. Especialmente condensado na declaração *Gravissimum educationis*, o ensino conciliar sobre a educação cristã apresenta uma nova compreensão que supera o caráter personalista, formal e abstrato oriundos da escolástica, e propondo a construção de uma identidade confessional em diálogo. A educação é, em primeiro lugar, entendida como direito universal cuja finalidade aponta para a realização humana e o bem comum (GE 1). O processo educativo contribui para a inserção do(a) educando(a) no mistério salvífico de Cristo e, a partir da consciência e aprofundamento de sua fé contribuam para a transformação do mundo (GE 2). Essa integração entre fé e cultura é chamada a se tornam ainda mais perceptível nas escolas católicas, as quais colaboram no diálogo entre a Igreja e a comunidade humana e em benefício de ambas (GE 8), em atenção e cuidado especial para com os mais pobres (GE 9). Ao mesmo tempo em que se

³ Exemplificam isso os dois documentos mais recentes da Congregação para a Educação Católica (CEC) – *Educar para o diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor* (2013) e o *Instrumentum laboris Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova* (2014). Este último está em sintonia com a celebração dos 50 anos da declaração *Gravissimum educationis*, documento do Vaticano II sobre a educação, e 25 anos da constituição apostólica *Ex corde Ecclesiae*. É fruto de um processo iniciado em 2012 por meio de um seminário de estudo com especialistas e continuado na Assembleia Plenária da Congregação para a Educação Católica, em 2014. Além de recolher as ideias fundamentais destes dois momentos, o instrumento contém no final um questionário que foi proposto às instituições educativas católicas. Entre as questões propostas, uma delas versa especificamente sobre o diálogo intercultural e inter-religioso no espaço da escola católica.

A dimensão ecumênica e inter-religiosa da Pastoral Escolar na escola católica

constitui como um dever decorrente da missão da Igreja de testemunhar e anunciar o mistério salvífico de Deus, revelado em Jesus de Nazaré, a presença de irmãos(ãs) de outras confissões religiosas na EC é afetivamente considerada, assumida “com carinho muito grande” (GE 9).

Em sintonia com o Concílio Vaticano II, e considerando a realidade da América Latina, essas intuições são relidas na perspectiva do desenvolvimento e da libertação dos povos latino-americanos. A conferência de Medellín, por exemplo, apresenta a educação como um “fator básico e decisivo” para esse desenvolvimento. Denuncia os sistemas educativos formalistas e abstratos que sustentam estruturas sociais e econômicas que marginalizam. Convoca a comunidade cristã para o compromisso com uma educação libertadora, integral, dialógica, criadora, onde o(a) educando(a) seja o sujeito de seu próprio desenvolvimento; onde sejam respeitadas e valorizadas “as peculiaridades locais e nacionais” integrando-as na pluralidade do continente. Esta libertação no plano histórico e social se situa no horizonte da redenção de Cristo e, portanto, pede da Igreja o seu serviço evangélico, convidando as escolas católicas a serem espaços democráticos, integrando os diferentes agentes do processo educativo (famílias, estudantes, educadores(as)) por meio de uma pastoral educacional pautada num adequado planejamento (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 1987. p. 47-58). Verifica-se, assim, um “deslocamento no eixo interpretativo do significado religioso” da educação católica e sua compreensão como mediação metodológica para a evangelização da cultura (PASSOS; ITABORAHY, 2012, p. 97). Observa-se, assim, a necessária interface entre pluralidade e projeto educativo na EC.

1.2 Pressupostos do projeto educativo confessional católico

Falar de evangelização no ambiente educativo implica, em primeiro momento, entender que esse processo possui suas peculiaridades, seja em relação aos(às) interlocutores(as), processos e métodos. Como dito, a confessionalidade não desvincula a escola de sua função social como espaço de promoção do conhecimento científico, técnico e cultural, mas permite que esta seja assumida em referência aos princípios e valores agregados pela identidade religiosa. A característica confessional “não deve constituir uma barreira, mas ser condição de diálogo intercultural”, possibilitando à comunidade educativa “crescer em humanidade, responsabilidade civil e na aprendizagem” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2014); ela se apresenta como elemento integrador que possibilita a cultura do encontro entre conhecimento-sujeitos-processos educativos. Como sujeito eclesial, a EC é um espaço de evangelização, desempenhando dessa forma também uma função eclesial a qual é assumida em sintonia com a caminhada da Igreja na perspectiva da Pastoral de Conjunto. Desta dialética entre função social e função eclesial se ocupa a Pastoral Escolar.

A proposição de um espaço institucional cuja tarefa seja pensar e organizar a evangelização no espaço escolar de forma mais sistemática e articulada é, de certa forma, recente. Embora a preocupação com a evangelização sempre foi uma constante na proposta de

ensino católico, a conjuntura atual sugere uma releitura de como essa missão é articulada e efetivada. Um passo importante neste processo consistiu na diferenciação de natureza, conteúdo e método que se procurou fazer entre ensino religioso e Pastoral Escolar. O primeiro é componente curricular que articula educando (sujeito), fenômeno religioso (objeto) e conhecimento (objetivo), levando em conta o conjunto das tradições religiosas presentes na escola, e objetivando oportunizar um ambiente favorável para a experiência do transcendente na perspectiva da educação integral (FAVERO; VESGERAU, 2002, p. 113-115). A Pastoral Escolar, por sua vez, ocupa-se especificamente da organização e dinamização da ação evangelizadora junto à comunidade educativa. Visa promover a “articulação entre o processo pedagógico da escola e as concepções que a sustentam, como as visões de mundo, ser humano e da própria educação.”⁴ (JUNQUEIRA, 2003, p. 34), em sintonia com os carismas específicos das instituições educativas católicas.

Evidencia-se, assim, a plausibilidade de que a ação evangelizadora na EC se compreenda e se articule na perspectiva ecumênica e inter-religiosa, tendo a Pastoral Escolar como referência de método e conceito. A verificação de uma conjuntura plural e a constatação de que a educação é um caminho privilegiado para a integração e a cooperação nesta pluralidade, endossam a necessidade de uma ação pastoral que se pautem na abertura e no diálogo.

A palavra-chave que se converte em prerrogativa para a escola católica é abertura. Ela deve estar aberta para aceitar os que dela fazem parte, em suas particularidades e diferenças; aberta à comunidade local, regional, nacional e continental por ser elemento conscientizador e mobilizador de mudanças; aberta a mudanças a partir dos fatos históricos que exigem inovações e novos compromissos; aberta ao diálogo inter-religioso e ecumênico como condição para aceitar contribuições e contribuir para a educação libertadora seja conhecida e reconhecida como fator significativo para melhoria de condições de vida; aberta aos valores culturais e espirituais como fatores contribuintes para a formação da consciência crítica e definidores de projetos educacionais. (PASSOS; ITABORAH, 2012, p. 104).

A proposição da mensagem evangélica e a explicitação dos valores cristãos são “direito e dever” da escola católica (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1988, n. 6). Contudo, na realização desta missão precisa ser considerada a dimensão propositiva do Evangelho, e a liberdade religiosa e de consciência dos interlocutores (DH 2). Além de um direito humano básico, essa é uma exigência da fé.

⁴ Embora seja um processo que no plano teórico obteve expressivos avanços, a diferenciação entre ensino religioso e Pastoral Escolar ainda apresenta limites na prática. Certamente, há uma dialética importante e necessária entre ambos; uma adequada compreensão do fenômeno religioso, por exemplo, contribui muito para uma ação pastoral eficaz, e vice-versa. Contudo, parece haver uma carência formativa de seus agentes, especialmente no campo metodológico, que integre e efetive as particularidades no conjunto do projeto pedagógico.

2 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA UMA EVANGELIZAÇÃO EM DIÁLOGO

Mais do que uma estratégia para educar e evangelizar em tempos plurais, considerar o ecumenismo e o diálogo inter-religioso em seu projeto pedagógico-pastoral, é para a EC um ato de fidelidade à sua natureza eclesial. Constituída “no diálogo que Deus estabelece com a humanidade ao longo da história da salvação”, a Igreja é “instância ou mediação do diálogo entre Deus e o mundo, se origina deste diálogo e tem como missão dar-lhe continuidade.” (WOLFF, 2014, p. 63).

A partir da categoria teológica do Reino de Deus como horizonte semântico que abarca as muitas expressões do diálogo ecumênico e inter-religioso, o dado antropológico, ético e espiritual, constitutivos das diferentes experiências religiosas, apresentam-se como dimensões sobre as quais se estrutura uma evangelização dialógica no espaço educativo. Conjugadas em vista de “uma maior e melhor compreensão do homem e da realidade do mundo” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2014), ciência, cultura, ética e transcendência se articulam reciprocamente.

2.1 Dimensão antropológica

No centro da ação da Igreja e do projeto educativo está o ser humano em sua dignidade e unicidade. “Na base da prática e da reflexão educativa em todo desdobramento encontram-se as diversas dimensões da vida humana e da realidade ontológica da pessoa.” É nesta dimensão da cultura moderna que a Igreja deve continuar a oferecer um contributo sociocultural e sociorreligioso de um verdadeiro humanismo cristão (XAVIER, 2012, p. 201. 222).

A EC é chamada a ser um espaço de reconhecimento do humano e de sua dignidade inalienável. As práticas educativas, tanto no âmbito pedagógico quanto pastoral, constroem-se a sob o paradigma de um autêntico humanismo cristão, que possibilita aos homens e mulheres de cada tempo descobrirem e assumirem seu fim último, sua vocação fundamental à luz do Projeto de Deus (GE 1).

Uma comunidade escolar, que se baseia nos valores da fé católica, traduz na sua organização e no seu currículo a visão personalista própria da tradição humanista cristã, não em contraposição, mas em diálogo com as outras culturas e crenças religiosas. (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2014).

Isso significa que a pessoa se constrói na relação, sendo a escola fundamental para isso. Acontece, assim, a superação da fragmentação da pessoa e manifesta-se a integridade do sujeito como indivíduo relacional. O processo educacional escolar deve contribuir para que formar pessoas, sujeitos em relação com outros, o que constitui uma tarefa de individuação e de relação (IMODA, 1996, p. 295), simultaneamente: a real e madura individuação é alcançada num contexto de real e madura relação. Tornar-se pessoa significa tornar-se um indivíduo único,

irrepetível, mas inserido em um mundo de relações, onde se comunica e participa do mundo dos outros. Pela educação, a pessoa “conhecendo uma parte do mundo conhece, assim, a si mesmo: o próprio eu.” (IMODA, 1996, p. 294). Assim, “a pessoa, que não se possui totalmente, pode-se descobrir sempre e somente em uma outra e, finalmente, em um Outro.” (IMODA, 1996, p. 293). Nesta experiência, a limitação faz com que a pessoa encontre nesse outro sua atualização afetiva e cognitiva.

2.2 Dimensão espiritual

A EC é, por si, um espaço de educação para a transcendência e o faz especialmente pela via espiritual. A simbologia, a ritualidade, as linguagens, são elementos do cotidiano escolar que fazem transparecer a importância do elemento espiritual na proposta educativa. Tanto quanto o conteúdo programático curricular, é preciso que haja a preocupação de provocar e acompanhar um autêntico processo de educação da fé da comunidade educativa, tendo como referência imediata a espiritualidade cristã. É a dimensão espiritual que permite um olhar transfigurado do(a) outro(a), em profundidade, onde as diferenças existentes são entendidas na perspectiva da liberdade criativa do Espírito. É ele “quem abre os caminhos do encontro, de diálogo e interação entre as diferenças, possibilitando a convergência e a reconciliação ali onde elas se antagonizam.” (WOLFF, 2014, p. 127). Se o dado antropológico permite reconhecer a dignidade do(a) outro(a), a espiritualidade permite abraçá-lo(a) como irmão(ã).

[...] uma educação para o diálogo inter-religioso ou interconfessional – que inclua também os que se assumem como ateus – terá de levar o educando a perceber a riqueza e o privilégio de se viver em um mundo que transborda sua experiência de transcendente em várias tradições espirituais. (SOARES, 2012, p. 246).

Deste modo, as diferentes formas de assumir e expressar a experiência espiritual, pessoal e coletivamente, são uma oportunidade ímpar para um diálogo profundo, capaz de sustentar relações e iniciativas de gratuidade, tolerância e cooperação. A escola é um espaço privilegiado para o intercâmbio entre fés, onde cada um(a) pode partilhar daquilo que há de mais verdadeiro de si e, na escuta respeitosa da partilha do(a) outro(a) crescer e amadurecer em sua própria experiência espiritual. “Promover o encontro entre diferentes ajuda a compreender-se reciprocamente sem que isso suponha renunciar à própria identidade.”⁵ (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2013, tradução nossa). Além disso, uma espiritualidade em diálogo se apresenta como um critério de discernimento frente às tendências espiritualizantes que, ao invés de serem fontes de vitalidade e libertação, alienam e instrumentalizam a vida interior.

⁵ “Promover el encuentro entre distintos ayuda a comprenderse recíprocamente, sin que esto suponga renunciar a la propia identidad.” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2013).

A dimensão ecumênica e inter-religiosa da Pastoral Escolar na escola católica

A tarefa da Pastoral Escolar neste campo consiste em intuir a sensibilidade espiritual da comunidade educativa – e aqui a importância de considerar e identificar os diferentes estágios da experiência religiosa⁶ de cada grupo (educandos(as), educadores(as), famílias) – e possibilitar este intercâmbio espiritual. Neste dinâmica, a importância da perspectiva ecumênica e inter-religiosa se encontra não somente no fato de provocar uma experiência espiritual para além da confessionalidade, mas em oferecer a base teológica que possibilita que esta experiência seja autêntica, lúcida e madura. É preciso superar a tendência e o comodismo de achar que uma fórmula orante comum recitada conjuntamente em momentos oportunos significa, efetivamente, uma espiritualidade em diálogo. “Aprende-se no diálogo inter-religioso que não há etapas rumo a esta ou aquela religião total, pois nenhuma fé ou espiritualidade esgota o sentido da vida.” (SOARES, 2012, p. 250).

Não obstante, por mais que esta deva oferecer uma espiritualidade cristã, não pode deixar de considerar o fato de que na experiência do Transcendente existem outros sistemas religiosos que apresentam outras espiritualidades, místicas próprias, também significativas para expressar a relação das pessoas com o Transcendente. Essa experiência tem dois polos fundamentais: de um lado, é experiência da essência da alma/natureza humana; é ‘experimentar-se’ e experimentar a humanidade. Por isso, toda real experiência espiritual humaniza as pessoas. De outro lado, é experiência do sobre-humano, do divino e, por isso, toda real experiência humana do divino diviniza o humano. Na relação com Deus, não existe o *humanum* puro: somos de natureza divina e isso se expressa na espiritualidade. A partir dela, o existir humano assume dimensões tão profundas da verdade, da caridade, da justiça, que ele se eleva a condições sobrenaturais de existência.. Somente assim podemos experimentar um “estar juntos” que manifeste a verdadeira natureza de Deus, o qual “oferece a sua comunhão, e com a exigência de verdade que vive no mais profundo de todo o coração humano.” (UUS 18). Tal é o fim último da espiritualidade: espiritualizar o humano e humanizar o espírito.

2.3 Dimensão ética

Considerando o atual contexto social, político, econômico, ecológico e, ao mesmo tempo, constatando a limitação e extremismos das leituras religiosas que estão sendo dadas para essa conjuntura, cabe, mais uma vez, resgatar a tese tão atual de Hans Küng de que “não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, sem um diálogo entre as religiões. Não haverá coexistência humana sem uma ética mundial por parte das nações.” (KUNG, 1993, p. 210). Como “direito inalienável” do ser humano, a educação possibilita a abertura “a convivência fraterna com outros povos, favorecendo a união verdadeira

⁶ Uma contribuição excelente para essa tarefa é o aprofundamento da obra de James Fowler *Os estágios da fé*, na qual o autor procura retratar as características da experiência religiosa em cada fase da vida (São Leopoldo: Sinodal, 1992).

e a paz na terra” (GE 1), e tem um contributo indispensável na reconstrução de uma nova ordem social na qual impere o espírito de unidade, tolerância e cooperação.⁷

Na linha do exemplo acima utilizado, se o humano e o espiritual permitem o reconhecimento e o abraço do(a) outro(a), a ética permite a caminhada comum. Neste percurso, as relações humanas, particularmente entendidas em relação à comunidade educativa como *espaço agápico das diferenças* e a incidência no campo da justiça, paz e cuidado da criação. São questões amplamente citadas no campo pedagógico-pastoral, mas nem sempre teorizadas e articuladas de modo satisfatório. A educação (civil e religiosa) é caminho para o desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade, e da cooperação entre os povos (GS 85, 89), particularmente em relação às situações de fronteira que ameaçam a integridade da vida, de forma especial, dos mais pobres.

Daqui a função da escola de possibilitar o desenvolvimento das condições éticas para o diálogo, destacando: 1) mútua disponibilidade, capaz de expor-se nas necessidades, valores e expectativas e acolher o mesmo do outro; é um risco que precisa ser vivido conjuntamente, uma entrega e confiança mútua, na reciprocidade; 2) respeito e confiança – sinceridade e boa fé dos interlocutores; 3) aceitar verdades e valores presentes na posição do outro; 4) disponibilidade para rever os próprios pontos de vista; 5) convicção dos próprios pontos de vista (BENNASSAR, 2002, p. 18-19). O diálogo só é possível com uma ética sem pretensões absolutistas e universalistas. É intrínseca ao diálogo a disposição para aprender.

3 INTERPELAÇÕES E HORIZONTES PARA A AÇÃO

A missão da Pastoral Escolar não se resume à elaboração e execução de um plano de ação focado na proposição de cunho religioso, geralmente de perfil celebrativo. Aliás, este é um preconceito que precisa ser superado; como se percebe a dificuldade do ecumenismo em adquirir cidadania eclesial, o mesmo acontece com a Pastoral Escolar em relação ao projeto educativo. O discurso afetivo e inflamado de que esta é a ‘alma da escola católica’, convive com a resistência em legitimá-la no projeto educativo. A Pastoral Escolar é, de certa forma, uma instância crítica que questiona constantemente a EC acerca da coerência entre sua finalidade evangélica e as mediações (institucionais, pedagógicas, éticas) que assume para atingi-la. Assim, ao se pensar horizontes para a ação pastoral na perspectiva do diálogo é preciso considerar esses dois aspectos: a dimensão pastoral presente no conjunto do projeto político-pedagógico, e a estrutura específica da ação evangelizadora na escola, sistematizada no planejamento e plano de ação da Pastoral Escolar. Acrescenta-se a isso um terceiro tópico, que é a inter-relação entre Pastoral Escolar e Pastoral de Conjunto.

⁷ Além de um movimento de dimensão *ad extra*, esta é uma questão que a escola precisa tratar a partir de dentro, visto que no cenário brasileiro, ela é, por exemplo, o espaço de maior incidência de discriminação por motivos religiosos, especialmente entre os protestantes (9,5%) (FONSECA; NOVAES, 2007, p. 155).

3.1 O diálogo como conteúdo e método do projeto educativo

Um elemento essencial no projeto político-pedagógico (PPP) de uma instituição educativa corresponde às concepções fundamentais de pessoa, sociedade, educação, religiosidade, entre outros. São elas que direcionam o modelo de educação a ser assumido, considerando, igualmente, os parâmetros legais que cada nação apresenta. Mais do que desejar uma educação em diálogo, é preciso efetivá-la também no plano institucional, obviamente com linguagem adequada à natureza do documento. Para tal, a EC goza de inúmeras referências teológico-pastorais que a auxiliam na estruturação deste marco teórico, considerando, da mesma forma, o contributo das diferentes áreas de conhecimento.

Além disso, o diálogo se apresenta como método – mais do que se aprende, como se aprende; aprendizado este que não se limita a ministrar conteúdos programáticos, mas em possibilitar a verificação destes nas vivências cotidianas e na complexidade das estruturas humanas e sociais. “O modo e o método de exprimir a fé católica não devem, de forma nenhuma, transformar-se em obstáculo para o diálogo com os irmãos.” (UR 11). Uma possibilidade de chave de leitura para esta tarefa se encontra nas dimensões antropológica, espiritual e ética citadas anteriormente, que permitem superar o conceito funcional de educação.

3.2 O planejamento pastoral

A ação pastoral se articula na lógica da ação-reflexão-ação, em um processo cíclico e contínuo em que a mensagem proclamada considera as interpelações da realidade e avalia de forma crítica e contextualizada as mediações a serem utilizadas. Neste ponto, a metodologia a ser utilizada precisa ser coerente e encontrar respaldo na “pedagogia de Jesus” sobre a qual a Igreja estrutura sua ação (BRIGHENTI, 2000, p. 26). Ciente disso e com uma necessária autonomia organizativa, cabe à Pastoral Escolar inserir a dimensão do diálogo como conteúdo e método também em suas estruturas. Levando em conta os eixos de atuação a partir dos quais se dá a estruturação da ação pastoral na escola⁸ – celebrativo/litúrgico, catequético⁹/formativo e ação solidária – reler e assumir o diálogo ecumênico e inter-religioso neste processo leva a alguns compromissos.

O primeiro deles implica em uma conversão da linguagem revendo as expressões e termos utilizados nas atividades pastorais e que, por tendências de autorreferencialidade ou proselitismo, possam ferir o diálogo. As palavras também têm o dom da cura e podem ajudar a sarar a memória histórica ferida das igrejas e religiões. Possibilitar às novas gerações um

⁸ Essa referência não se aplica ao conjunto do projeto de pastoral nas escolas católicas, nem tem a pretensão de limitar a incidência deste; simplesmente quer apresentar os âmbitos, aqui designados por eixos onde, em geral, se estruturam a ação evangelizadora na escola.

⁹ É importante salientar que o termo ‘catequético’ não tem a ver com o processo de formação mistagógico-doutrinal desenvolvido nas comunidades da Igreja local (embora haja, em muitas escolas católicas, catequese estruturada, o que tem sido assunto de extensos debates), mas contempla o aspecto formativo da ação pastoral.

vocabulário reconciliado é caminho para superar antigas divisões e atuais fundamentalismos, o que pode ser potencializado pelos inúmeros e modernos canais de comunicação disponíveis.

Essa primeira consideração reclama uma seguinte que consiste numa efetiva e eficaz formação envolvendo história, teologia e prática do diálogo ecumênico e inter-religioso. As referências documentais da Igreja ressaltam a escola é chamada a contribuir para a “formação do coração e da inteligência, nos valores humanos e religiosos, educando para o diálogo, para a paz e para as relações interpessoais.” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2010, n. 68). Especial atenção precisa ser dada à formação dos gestores, sejam consagrados(as) ou leigos(as), equipes multidisciplinares, e dos(as) agentes e equipes da Pastoral Escolar, sendo estes os(as) responsáveis imediatos(as) no desenvolvimento do projeto pastoral. Apropriar-se do pensamento da Igreja sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, conhecer os resultados obtidos pelas comissões bilaterais e multilaterais, as iniciativas e projetos de cooperação nas instâncias institucionais e extraoficiais (diálogo de base), permitem que o projeto pastoral identifique os espaços onde sua contribuição possa ser mais eficaz. Cabe, igualmente, o zelo formativo para com os(as) educadores(as), pois “[...] não poderia existir verdadeiro diálogo se os próprios professores não fossem formados e acompanhados no aprofundamento da sua fé, das suas convicções pessoais.” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2014).

Decorrente desta formação, a prática litúrgica dinamizada na escola pode ser uma possibilidade ímpar para a vivência da espiritualidade do diálogo; a sensibilidade das novas gerações para o serviço ao próximo através de ações sociais oportuniza a colaboração entre diversas convicções religiosas na promoção da justiça social e ecológica, além de permitir que se vislumbre a continuidade de uma pedagogia da comunhão e do diálogo a ser assumida para além da ação.

3.3 Ressonâncias e contribuições para a Pastoral de Conjunto

Com suas particularidades e não de forma isolada, a EC constitui uma experiência de comunidade de fé, por isso sua necessária sintonia com as diretrizes e orientações da ação evangelizadora da Igreja local, a qual entende que o ecumenismo e o diálogo inter-religioso necessitam integrar a vida e a ação das comunidades eclesiais (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2015, n. 80).¹⁰

Impõe-se a urgência de romper com projetos fechados de evangelização e exercitar um olhar comum para os desafios que a fé cristã encontra no mundo atual. E respondendo aos desafios da evangelização com espírito ecumênico, as Igrejas são convidadas a examinar suas convicções em um contexto de referências mais amplo do que quando atuam para realizar projetos apenas da própria instituição. Isso exige das Igrejas a capacidade de examinar seriamente o modo como expressam a própria fé, para fazerem uso de

¹⁰ Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019 da Conferência Nacional dos Bispos Do Brasil. Documento 102.

A dimensão ecumênica e inter-religiosa da Pastoral Escolar na escola católica

palavras e ações com sentido não apenas para seus fiéis. (WOLFF, 2014, p. 115).

Na perspectiva do diálogo, observa-se uma via de mão dupla na relação entre a EC e a Pastoral de Conjunto constituída a partir da Igreja local. Ao mesmo tempo em que se fundamenta na autoconsciência eclesial de caráter ecumênico e dialógico, a ação evangelizadora no espaço educativo potencia o compromisso com esta nos demais espaços onde a vida e a missão da Igreja acontecem. Reconhecendo as dificuldades e limitações da formação ecumênica e inter-religiosa nas comunidades cristãs, a Pastoral Escolar pode contribuir grandemente no fortalecimento desse aspecto, bem como capilarizar as muitas iniciativas de diálogo existentes no campo espiritual, teológico e prático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo processo dialogal é uma força transformadora que deixa suas marcas (TEIXEIRA, 2006, p. 31). Diante da pluralidade cultural e religiosa que interpela a educação cristã, “a resposta não pode ser aquela de refugiar-se na indiferença, nem de adotar uma espécie de fundamentalismo cristão nem, por fim, aquela de declarar a EC como uma escola de valores ‘genéricos’” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2014). É preciso uma educação que “ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG 64); uma educação em diálogo e para o diálogo na qual a experiência acumulada e em construção da Igreja em relação à questão ecumênica e inter-religiosa tem um enorme contributo a oferecer. Na descoberta – também teórica e sistemática – de como evangelizar hoje como EC, a Pastoral Escolar precisa considerar o ecumenismo e o diálogo inter-religioso como chave de leitura necessária em suas concepções e práticas. ✨

REFERÊNCIAS

- BENNÀSSAR, Bartomeu. **Ética civil e moral cristã em diálogo**. Uma nova cultura moral para sobreviver humanamente. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BRIGHENTI, Agenor. **Reconstruindo a esperança**. Como planejar a ação da Igreja e tempos de mudança. São Paulo: Paulus, 2000.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Unitatis redintegratio**: sobre o ecumenismo. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. **Gaudium et spes**: constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 17 ed. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CONDINI, Martinho. **Fundamentos para uma educação libertadora**. Dom Hélder e Paulo Freire. São Paulo: Paulus, 2014.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. **Guia ecumênico**. São Paulo: Paulus, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. A escola católica no limiar do terceiro milênio. **A Santa Sé**, 28 dez. 1997. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_27041998_school2000_po.html>. Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. Dimensão religiosa da educação na escola católica. Orientações para a reflexão e a revisão. **A Santa Sé**, 7 abr. 1988. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html>. Acesso em: 24 abr. 2015.

_____. Educar al diálogo intercultural en la escuela católica. Vivir juntos para una civilización del amor. **A Santa Sé**, 28 out. 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20131028_dialogo-interculturale_sp.html>. Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova. Instrumentum laboris. **A Santa Sé**, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html>. Acesso em: 24 abr. 2015.

_____. A escola católica. **A Santa Sé**, 19 mar. 1977. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html>. Acesso em: 11 maio 2015.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2008.

FAVERO, Deusa Rodrigues; VESGERAU, Alecy Luciana. Concepção de ensino religioso. In: ALVES, Luis Alberto Sousa; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Orgs.). **Educação religiosa: construção da identidade do ensino religioso e da Pastoral Escolar**. Curitiba: Champagnat, 2002. p. 113-132.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GREFFÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa**. São Paulo: Paulus, 2013.

IMODA, Franco. **Psicologia e mistério**. O desenvolvimento humano. São Paulo: Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Ut unum sint**. São Paulo: Paulinas, 1995.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993.

PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii nuntiandi**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1978.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo**. São Paulo: Paulinas, 2010.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Pastoral Escolar: conquista de uma identidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

A dimensão ecumênica e inter-religiosa da Pastoral Escolar na escola católica

PASSOS, Mauro; ITABORAHY, Luiz Carlos. A sagrada missão de educar: rastreando as conclusões de Medellín. In: FIGUEIRA, Eulálio; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Orgs.). **Teologia e Educação: educar para a caridade e a solidariedade**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 87-106.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Educação e pluralidade religiosa. In: FIGUEIRA, Eulálio; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Orgs.). **Teologia e Educação: educar para a caridade e a solidariedade**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 230-255.

STEIN, Gesuína Burin. **A educação nos documentos da Igreja católica apostólica romana**. Brasília: Universa, 2001.

SINNER, Rudolf von. **Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

TEIXEIRA, Faustino. Diálogo Inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARTELLI, Cleide; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 29-40.

VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968.

XAVIER, Donizete. A educação como missão da Igreja no magistério eclesial. In: FIGUEIRA, Eulálio; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Orgs.). **Teologia e Educação: educar para a caridade e a solidariedade**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 195-229.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja: ensaio de eclesiologia ecumênica**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja católica**. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Unitatis redintegratio, Dignitates humanae, Nostra aetate**. Textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.